

Marcello Duarte Mathias (ed.), *O Português visto por (alguns) Portugueses. Autores dos séculos XX e XXI: testemunhos, reflexões, apontamentos vários*. Introdução, notas, selecção dos autores e respectivos textos por [...]. Lisboa, Dom Quixote, 2023, 296 pp.

Maria Luísa Malato R. B. F. Cunha  
 Universidade do Porto  
 borralho@letras.up.pt  
 orcid.org/0000-0002-5836-8532

Marcello Duarte Zaffiri Mathias é um “imagologista” em quase todas as suas obras (literárias, críticas, autobiográficas). Talvez desde logo por natureza hereditária ou por linhagem: não se tem impunemente um nome que remete para várias culturas, diferentes nações, e o seu nome é já uma Torre de Babel. Depois, sem dúvida, por educação, gosto, formação e profissão. Entre 1970 e 2003, integrou o corpo diplomático e serviu o Estado português em países tão distantes quanto o Brasil e a Índia, a França e os EUA, o Nepal e a Argentina. Se todo o indivíduo é fisionomicamente etnocêntrico, isto é, se só pode ver a partir de um espaço de que o seu corpo é o centro, a peregrinação do olhar não pode deixar de treinar o policentrismo da reflexão crítica. Talvez por isso não surpreenda o título e o tema do seu último livro, *O Português visto por (alguns) Portugueses. Autores dos séculos XX e XXI: testemunhos, reflexões, apontamentos vários*, editado em 2023 pela editora D. Quixote, de que foi o organizador (a selecção dos autores e respetivos textos, e o responsável pela Introdução e notas).

A matriz deste livro de citações alheias encontra-se nos livros de que MDM é o autor. Crónicas como “As coisas portuguesas”, “Como é diferente o livro em Portugal”, “O mundo à minha procura” (sobre Ruben A.) ou “Vitorino Nemésio, andarilho da cultura portuguesa”, publicados em *A Memória dos Outros* (2001), ou, passo a passo, os cinco volumes de diários (que desde 1962 até 2014 têm sido publicados com o significativo título/ sub-título) *No Devagar Depressa dos Tempos* podem facilmente testemunhar a preocupação transversal de MDM com o tema da imagem nacional: os “portugueses” vistos por estrangeiros, os estrangeiros vistos por “portugueses”, como sucede na Imagologia mais canónica. Mas mais importante parecem ser, na sua obra, os “portugueses” vistos por “portugueses”.

Muitas vezes, nos seus diários, a reflexão de Marcello Duarte Mathias sobre Portugal e os portugueses parte de uma frase que leu em escritores portugueses, que leu ou ouviu em diplomatas portugueses, mas encontramos também essa recolha matricial em conversas comuns, ditas *ao acaso* por

portugueses “comuns”. Acasos a que o autor está sempre atento. E por o autor estar sempre atento, sempre o acaso parece vir a propósito.

Significativamente, o início de cada volume dos seus diários parece começar com equívocos: poses ou rótulos nacionais, que são questionados. Por exemplo, o volume II, *Os Dias e os Anos*, que abrange os anos de 1970 a 1993, começa com uma tomada de posse no gabinete do embaixador Luís Archer ainda no Estado Novo. Se estamos à espera de umas memórias políticas mais protocolares, o texto irreverente trai logo a expectativa: o embaixador, visto assim, “por detrás da imensa secretária, ao fundo da sala, parece um enfermo condenado à imobilidade”. O olhar centra-se num quadro de Salazar pintado por Medina (“de relance é quem preside à cerimónia”) e foge para o jardim da Tapada “com os seus grossos canteiros bojudos de pedra branca”. Na sala fica “uma ficção, como tudo o resto, desnecessária e obrigatória. De repente, não sei porque bulas, lembrou-me um anão que teria esquecido em casa o seu chapéu de plumas”. Segue-se referências à guerra em África, à criação de um Comissariado para o Estado Português da Índia”, nove anos depois da invasão de Goa (2010, p. 15-16). O volume III, *Diário da Índia*, parece nascer de uma incitação alheia: a dos amigos que esperam dessa viagem uma “terapia adequada para atenuar [...] o sentimento da distância”. Mas o autor, a quem essa terapia era já familiar, sabe há muito que ela é “um modo de nos confrontarmos com o que somos” (2004: Prefácio). O volume IV, *Diário de Paris (2001-2003)*, editado em 2004, começa com uma observação sobre o tema, a propósito de um seminário diplomático no Centro Cultural de Belém, intitulado *A Imagem de Portugal*. O autor depressa a torna uma admiração: “A imagem de Portugal!” (2006: 13). Mas logo na página seguinte, em duas interrogações: “A imagem de Portugal? Boa pergunta, quantas respostas?” (Mathias, 2006: 14). E o *Diário da Abuxarda (2007-2014)*, iniciado já depois de o autor se ter reformado da carreira diplomática, é ainda um livro onde perpassa esse Nós, que cria um Eles (ou vice-versa). Começa com uma reflexão sobre o filme *Babel*, do cineasta mexicano González Iñárritu. O que aqui seduz MDM é os 3 protagonistas – um árabe, um mexicano e um japonês – se expressarem nas suas línguas maternas, colocando-se González Iñárritu como um centro empático, mas centrífugo, de Babel: “o facto de Iñárritu ser mexicano conduz-nos a um universo mental afim do nosso” (2015: 13).

Sendo o livro de 2023, *O Português visto por (alguns) Portugueses*, muito diferente na estrutura, e no género, podemos talvez lê-lo esperando a mesma ironia, a mesma irreverência, o mesmo sentido de teatralidade. Essa continuidade será aliás explicitada pelo próprio editor/ autor, nas primeiras páginas do livro, como se o antologista estivesse a falar de um livro já escrito, ainda que de forma dispersa e fragmentária: “Sempre quis escrever sobre

Portugal” (2023: 15). O autor lança esta confissão em bruto, mas vai-a limando nas linhas seguintes, procurando que o rigor substitua a incisão: “Ou melhor, sobre os portugueses, o que não é bem a mesma coisa, embora de tão complementares se tornem por vezes indissociáveis” (*ibidem*). O longo título escolhido para o livro pretende não enganar: o livro não é sobre Portugal, mas sobre os Portugueses e a ideia que (alguns) portugueses têm sobre um conceito singular, “o Português”.

O “objetivo” do livro é depois apresentado como um jogo de espelhos, filtrado no(s) tempo(s) e no(s) espaço(s), porque só quer abranger o que foi (parcialmente) dito por (alguns) portugueses, (alguns) escritores (dos séculos XX e XXI)... Mas logo o jogo de espelhos se torna ainda o retrato do próprio autor, que “sempre quis escrever sobre Portugal”. O Eu escreve aqui através da escrita de outros: “Faço-o agora tardiamente, por interposta pessoa, se assim se pode dizer, recorrendo às muitas notas que sobre o tema fui acumulando ao longo de anos de leituras” (*ibidem*). Autor de memórias e diários, ficcionista com pendor para a crónica literária, diplomata de carreira, e viajante por gosto e obrigação, MDM cumpre com ele uma “Velha ambição que me acompanhou tempos a fio e que acabei por não cumprir”. Não cumprir, ou não escrever, parecem ser aqui as formas de ainda cumprir e escrever.

Seguem-se algumas observações sobre o corpus de recolha das citações. Os autores do século XX e XXI que encontramos em *O Português visto por (alguns) Portugueses* são, em grande parte, os da sua preferência (e isso MDM nunca esconde): Alçada Baptista, Almada, Ruy Belo, Agustina Bessa-Luís, Raul Brandão, Cardoso Pires, Couto Viana, Vergílio Ferreira, Eduardo Lourenço, Oliveira Martins, Moura e Sá, Pessoa, Ruben A., Pascoaes, Torga, Varela Gomes... Muitos são viajantes, como MDM, talvez porque se cruzaram todos em alto-mar e um país se vê melhor à distância.

É aqui que a Imagologia de MDM se torna ainda mais interessante, já que nela se sublinha a impossibilidade de se ser objetivo na matéria, já que é impossível separar sujeito e objeto. Desde logo, a ideia de “identidade nacional” lhe parece problemática. Depois também a ideia de uma “identidade individual” lhe parece tão ambígua quanto a de uma “identidade nacional”. Para MDM, imaginar-se uma “identidade individual” que recolhe e analisa uma “identidade nacional” não pode ser senão uma exponenciação do paradoxo.

A própria etimologia da palavra “antologia” (recolha de flores), assumida pelo editor como critério pessoalíssimo de “género” histórico em que se enquadra o livro – reforça a impossibilidade de mundos estanques entre o Eu e o Tu, o Nós e os Outros. São pessoais a escolha dos autores e os recortes

feitos das suas leituras, a restrição das citações aos autores que escreveram nos séculos XX e XXI, a opção de escapar ao trabalho académico ou de equipa, o diálogo com alguns textos dos *Diários* ou da *Memória dos Outros*. São impessoais a organização por ordem alfabética dos autores citados, a preferência pela máxima e pelo aforismo, mais próximos do discurso abstrato. Mas são simultaneamente pessoais e impessoais a reconhecida influência dos textos da Geração de 70 ou dos estudos críticos de Jorge Dias, Orlando Ribeiro ou Cunha Leão.

MDM não visa chegar a uma conclusão precisa, mas recordar um caminho já feito antes por outros, decifrar, entender, ponderar opiniões diversas, sentimentos diversos que moldam estilos literários opostos, que vão da exaltação à melancolia, da ironia à autocrítica, do misticismo ao sarcasmo, da epopeia à sua paródia. Lembra assim o velho símbolo da Abelha, os que fazem mel com o pólen de muitas flores, símbolo que, pelo menos desde o *Novum Organum* (I, 95) de Francis Bacon, se sobrepõe ao da Aranha (os que confundem a teia com a sua própria substância) e ao da Formiga (os que consomem o que recolhem, sem criação de matéria nova). Neste livro, à imagem e semelhança da Abelha, tudo nos recorda que um povo (quando se identifica por um nome e um valor) é sobretudo (ou unicamente?) uma vivência, uma imaginação e um pensamento que, como o pólen, se colhe, parte, partilha, lembra, mistura, mas que se digere e se esquece também da matéria que o alimentou. A antologia, ao sequenciar os autores dos séculos XIX e XX por ordem alfabética, introduz uma híbrida sensação de acaso e eterno retorno, como se a identidade fosse afinal a sucessão ritmada de lugares que nos são comuns. Perpetua, é certo, o gosto de MDM pelos jogos de acaso. Os leitores de MDM, habituados ao *clin d'oeil*, reencontram aqui a ironia de ler sem ordem Miguel Torga, Vergílio Ferreira, Fernando Pessoa e Raul Brandão. No limite, o que interessa a MDM (e deve talvez interessar por isso ao seu leitor-modelo) é não viver indiferente ao que “os Portugueses” dizem ser e querem ser. Por isso as fórmulas são quase sempre antitéticas e paradoxais, disjuntivas ou adversativas. Tudo oscila. Portugal é isto e o contrário disto, mas nem só isto ou só aquilo. A construção é já uma desconstrução. Desfaz agora um o que outro teceu antes. O Português é isto: “Pois é. O português é assim. Escabuja, agita-se até ao paroxismo”. Mas depois é aquilo: “Para logo depois, acalmado e feliz, aceitar tudo”. Ou nem isto, nem aquilo: “Por pouco não somos místicos. Por pouco também não somos ‘conquistadores’ de continentes. Ficámos sempre a meio caminho entre o ter e o ser” (cf. Fernando Aires *apud* Mathias, 2023: 65). A identidade perde-se sempre em adversativas: “Povo místico, mas pouco metafísico; povo lírico, mas pouco gregário; povo activo mas pouco organizado; povo empírico mas

pouco pragmático” (Manuel Antunes, *Ibid*: 81); “Mas eu gosto disto, gosto deste país, perdidamente” (Alçada Baptista, *Ibid*: 69)...

Em Portugal, a metáfora da “ilha” tem as faces da utopia e da distopia: é porto de fuga e espaço de prisão. Há a ilha voltada para fora: “Estou numa ilha. Portugal, ilha ocidental da Cristandade – de costas voltadas para a Europa. Sei o que digo – eu que nasci junto às ondas da barra” (Fernando Aires, *Ibid*: 65). E a mesma ilha voltada para dentro: “o meu país é o que o mar não quer” (Ruy Belo, *Ibid*: 92)... A migração, como todo o império desfeito, deixa exilados, ideias vagas de outros mundos: “Andamos sempre com Portugal às costas. Pesa-nos e não nos deixa sair dele” (Miguel Esteves Cardoso, *Ibid*: 140); “Vivi sempre exilado no meu país” (Vergílio Ferreira, *Ibid*: 149)...

Estranha imagiologia que aqui deriva desta indefinição que é o território, a comunidade, a nação, o indivíduo, o Eu, o “Nós” e depois, conseqüentemente, o Outro, “Eles”: Maria João Simões sublinhou já bem esta inflexão da Imagologia contemporânea, que indefine os territórios: “A Imagologia entranha-se no território problemático da ‘representação’, contrapõe alteridades e identidades e, por isso mesmo, interpela-nos a ler nos interstícios das imagens” (SIMÕES, 2011: 10)<sup>1</sup>. Tantas conseqüências tem ela aqui... Nas citações de MDM, a Imagologia coletiva torna-se por vezes indistinta da Imagologia individual. A híbrida linhagem, como uma espécie de língua franca, descentra a (cosmo)visão. Muitas citações atentam um mundo sem centro e certezas: “Tem pele de árabe, dizem. [...] Em matéria de argúcias será judeu, porém não tenaz: paciente apenas. Nos engenhos da fome, oriental” (Cardoso Pires *apud* Mathias 2023: 113). A promiscuidade poderia ser uma doença que o salvaria de outras: “Somos uma raça infecta” (António Feijó, *Ibid*: 145). “O bom português é várias pessoas” (Pessoa, *Ibid*: 203); “Não há genes portugueses” (Sobrinho Simões, *Ibid*: 245)...

As citações de MDM raramente definem sentidos, e nunca, nunca concluem. O que interessa sempre ao antologista é a liberdade que prometem, ainda que nem sempre cumpram, a viagem “à bolina”, o caminho para si que vai dar aos outros. A identidade nacional, como a identidade individual, concebem-se neste livro, como a indefinição de uma imagem refletida em outra e outra, como se o objeto estivesse ausente. A experiência de ser português transforma-se assim num estado de cisma individual, que nunca se resolve intelectualmente: “questão que tenho comigo mesmo” (O’Neill, *Ibid*:

---

<sup>1</sup> SIMÕES, Maria João. Cruzamentos teóricos da imagologia literária: imagotipos e imaginários. In *Imagotipos literários: processos de (des)configuração na imagologia literária*. Coimbra: CLP da Universidade de Coimbra, [2011]. ISBN 978-972-9126-25-3. pág. 9-53. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316/28919>>.

19); “Tenho uma dor chamada Portugal” (Ruy Belo, *Ibid*: 91); “Sofro de uma doença ingénita, hereditária, crónica, incurável, que se chama Portugal” (J. Rodrigues Miguéis, *Ibid*: 221); “um cismador deserto, voltado para o mar. É um pouco assim o nosso irmão português. Somos assim, bem o sabemos. Assim, como?” (Cardoso Pires, *Ibid*:114)...

Agustina Bessa-Luís, na sua *Embaixada a Calígula* (s.d.: 9-10) definia a viagem como “a intimidade do importuno” experienciada pelo viajante, “a sensação dum país que até aí lhe era oculto e que era destituído de tudo que não fosse simples geografia”. É certo que também os aforismos de Agustina Bessa-Luís parecem uma forma de obrigar o leitor a pensar na realidade do paradoxo (Braz Teixeira, *Limite* 16: 103-4). Mas é bom que o livro de MDM acabe por ser essa “intimidade do importuno” que cada indivíduo, ou cada cidadão, pode ou deve percorrer.